Como fazer face às clivagens contemporâneas: Cultura, Amor e Regulação Relacional

David Figueirôa

Resumo

Problematizando-se o tema do Congresso ("Amor em Tempo de Clivagens") em torno da questão "Como fazer face às clivagens contemporâneas?", evocam-se três modelos psicanalíticos, o freudiano, e o valor da Cultura embebida em Eros, o "relacional clássico", fundado no Amor cuidador, e o relacional contemporâneo, promotor da regulação relacional intersubjectiva e indo além da neutralidade do analista, na clínica e no mundo. A conjugação destes modelos e atitudes psicanalíticas surgem como um potencial de resistência e promoção do bem comum e da saúde, no mundo e na clínica.

Palavras-Chave: Mundo contemporâneo, Cultura, Amor, Regulação relacional, Intersubjetividade

Abstract

By exploring the theme of the Congress (‘Love in a Time of Divisions’) through the question ‘How can we address contemporary divisions?’, three psychoanalytic models are evoked: the Freudian model, with its emphasis on the value of Culture imbued with Eros; the ‘classical relational’ model, founded on caring love; and the ‘contemporary relational’ approach, which promotes intersubjective relational regulation and goes beyond the analyst’s neutrality, both in clinical practice and in the wider world. The combination of these psychoanalytic models and approaches offers the potential to build resilience and promote the common good and health, both globally and in clinical practice.[2]

Keywords: Contemporary world, Culture, Love, Relational regulation, Intersubjectivity

Começo por agradecer o convite e o interesse em ouvirem uma voz da psicanálise relacional no vosso congresso. Temos pessoas em comum na Sociedade Portuguesa de Grupanálise e na PsiRelacional e temos, sobretudo, afinidades teóricas e áreas de reflexão que podemos explorar

[1]Psicólogo clínico, Psicoterapeuta psicanalítico, Membro fundador, Titular e Presidente da Direcção da PsiRelacional - Associação de Psicanálise Relacional. E-mail: davidffigueiroa@gmail.com

Artigo ampliado a partir da sua comunicação oral apresentada no XXIV Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo, Lisboa, 7-8 novembro de 2025.

[2] (Translated with DeepL.com (free version))

e aprofundar no futuro. O vosso mestre, Eduardo Cortesão, dizia que a grupanálise é uma psicoterapia individual feita em grupo. Brincando com essa ideia, com fundamentos nas teorias contemporâneas da multiplicidade do self (Bromberg, 2011; Mitchell, 1991, 1993) creio poder afirmar que a psicanálise relacional pode ser considerada uma psicoterapia de grupo feita individualmente. A multiplicidade do self pressupõe a ideia de que o indivíduo é, em si mesmo, um grupo dinâmico. Aceitem esta brincadeira em jeito de reconhecimento mútuo e expressão de diálogos possíveis.

Hoje, o tema é "Amor em tempo de clivagens", um tema sugestivo e importante, onde se procura uma compreensão psicanalítica para os fenómenos e dinâmicas da esfera socio-cultural que nos envolve e que, inexoravelmente, se reflectem na nossa prática clínica. No termo "clivagens", leio a sugestão de que esses fenómenos sociais reflectem dinâmicas típicas do funcionamento psíquico primário, imaturo, podemos dizer, em regime esquizoparanóide, com as suas lógicas narcisistas e omnipotentes e modos de relacionamento onde prevalece o poder e o domínio sobre o outro; e no termo "Amor", talvez uma alusão dúplice: ao que está ameaçado (e que importa preservar), mas também a uma possível resposta (seria essa a "terapêutica") para os males deste "tempo": o Amor como força de ligação, como expressão de funcionamento psíquico maduro e "integrado" e como modo de relacionamento cooperativo e construtivo.

Concordo com a abordagem e assumo o problema sugerido no título e no texto de apresentação do Encontro. Estou de acordo que estamos em tempo de clivagens e modalidades polarizadas de pensamento, do tipo *eu ou tu*, *eu contra ti* ou *eu sobre ti* (ou, nas palavras de Benjamin, 2018, o modo *Doer / done to*), enquanto modalidade psíquica e relacional de "poder e submissão" (ou "Tirania e submissão", como diria Meltzer, 1968), onde experienciamos a ruptura da capacidade de mutualidade e reconhecimento mútuo (Benjamin, 1990). Vejo-a bem presente nos discursos populistas, nacionalistas, fascistas, nas lógicas capitalistas desreguladas, nas desigualdades sociais, na deificação da tecnologia e das redes artificiais, e, como expressão máxima, nas guerras, no limite, no genocídio. Creio que a psicanálise, sobretudo as psicanálises que mais importância dão aos contextos socio-culturais que envolvem o psiquismo, como a psicanálise relacional (e a grupanálise, creio) tenham uma particular responsabilidade na discussão sobre como fazer face a estas realidades "clivadas", tão preocupantes quanto são manifestação de dificuldades/perturbações psíquicas, como são veículo de opressão e violência, que (re)produzem experiências traumáticas, individuais e colectivas, numa espiral que se.[3]

O que me proponho aqui é, sobretudo, seguir uma reflexão sobre as possíveis respostas que ajudem e enfrentar o funcionamento que Bollas descreveria como "Estados fascistas da mente" (1992) e a interromper aquela espiral. Uma reflexão exploratória e de carácter geral, que nos

[3] Afirmo-o individualmente, como cidadão e psicanalista, mas também como Presidente da PsiRelacional, uma organização implicada nesta reflexão: veja-se, por exemplo, a organização das Jornadas sobre "Psicanálise, Política e Poder", com e na Universidade de Évora, a 15 de Novembro de 2025. É fundamental continuarmos estas reflexões no sentido de, espero, ampliarmos um movimento cultural e psicanalítico para fazermos face às clivagens e às suas lógicas opressoras e destrutivas.

possa talvez inspirar, quer no contexto social[4] quer no contexto clínico, uma reflexão que procuro fazer a partir das grandes linhas da história do pensamento psicanalítico, considerando três dos "modelos psicanalíticos" mais relevantes na forma como concebem a resposta psicanalítica aplicada, isto é, o que cada um desses modelos mais valoriza na abordagem clínica como factor de mudança.

Nesta reflexão reencontraremos o "Amor" do título do Encontro. Amor como "antídoto", como proposta clínica e cultural. Mas não só o Amor, também aqui, como na vida, sabem-no os amantes, pelo menos os amantes maduros e sábios, o amor não é suficiente.

Comecemos então pelo amor. O título deste Encontro evocou-me a obra memorável de Gabriel Garcia Marquez, o "O Amor nos Tempos de Cólera" (1985), uma obra onde os amantes se separam, não são livres de se amar, no contexto de uma sociedade em tumulto e de uma moral conservadora, que oprime o amor e a liberdade de se Ser. Na obra de Garcia Marquez o amor chega no fim, por fim, foi suspenso, mas não eliminado. Há esperança em Garcia Marquez, como há esperança no título deste Encontro da SPG. Talvez não tenhamos de esperar pelo amor tanto tempo como os amantes de Marquez, talvez possamos, em conjunto, abreviar essa espera, fazer prevalecer e expandir o amor. Na obra, essa espera foi de 51 anos 9 meses e 4 dias (ainda mais do que a "noite escura" da ditadura militar em Portugal: 47 anos, 10 meses e 28 dias).

Na acepção freudiana, podemos distinguir, creio, dois tipos de Amor. Aquele que Freud identificou na relação do bebé com a Mãe, protótipo de todos os outros "Há, porventura, algo mais natural do que persistirmos na busca da felicidade do modo como a encontramos pela primeira vez?" (Freud, 1930), um Amor assente em Eros e no registo primário da experiência pulsional gratificada e do encontro com o Objecto. E, depois, uma segunda acepção, já no registo evoluído e civilizado do ser humano capaz de se desenvolver, temos outro tipo de Amor, o Amor que foi capaz de sublimar a pulsão sexual, transformando-a em Amor maduro e em vínculos criativos e cooperativos. O amor freudiano tem força originária, uma força de Vida, e é um contraponto às forças destrutivas da Pulsão de Morte, mas é também uma expressão evoluída, cultural e civilizada. Para Freud, o Amor adulto é, sobretudo, um amor civilizado[5]. Para Freud, esse Amor é um compromisso maduro e evoluído psiquicamente, que se constitui com base na repressão ou na sublimação pulsional.

Em Freud, teríamos então, que os fenómenos daquilo a que estamos a chamar de "clivagens", seriam uma expressão primária, incivilizada, da pulsão, nomeadamente, da pulsão agressiva ou, mais propriamente, da pulsão de morte (que separa, divide, destrói as ligações). O amor como resposta possível, em Freud, seria a de um amor civilizado, um resultado da sublimação de Eros, e uma sua expressão, nomeadamente, uma expressão cultural. Embora Freud não desmereça

[4] Um bom exemplo é a questão recorrente no espaço público: "Como lidar com o Chega?", um partido com matizes fascistas ("Por Dentro do Chega", Miguel Carvalho, 2025. Lisboa: Penguin). Ou como fazer face a Trump?

[5] Embora de uma civilização patriarcal, mas não vou desenvolver essa questão aqui, deixo só a nota.

a força essencial do Amor, inscreve-o na Cultura, é a Cultura que pode fazer face à pulsão e elevar o ser humano a um ser civilizado. Sabemos que, para ele, o amor, inclusive o amor pelo paciente, era um amor que ganhava dimensão terapêutica na busca pelo conhecimento, no desvelamento analítico do inconsciente, em oferecer ao paciente um saber mais amplo sobre si próprio, que o libertasse dos desejos infantis, de base amorosa ou agressiva, em relação ao outro. Conhecer é a via para a Cultura, um acto de Cultura.[6] É o que se pode opor à guerra (Carta a Einstein, 1933a). Expressões representativas desta forma de amor, que é também uma proposta terapêutica, encontramo-las em expressões como "Onde estava o Id deve advir o Ego", acrescentando, logo a seguir: "É uma obra de cultura" (Freud, 1933b), ou "Ele [o ego] é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo" (Freud, 1923), ou ainda, por exemplo, na conhecida ideia de Bion de "apresentar o paciente a si mesmo" ("O objectivo disso [de uma qualquer interpretação] é introduzir o paciente à pessoa mais importante com que ele jamais poderá lidar, ou seja, ele mesmo", Bion, 2020, p.26).

Na psicanálise posterior a Freud o Amor ganhou outras expressões, tendo sido fundamentalmente vinculado à necessidade emocional. O ser humano precisa de amor, cuidados, atenção, reconhecimento, apreciação, por parte da mãe (ou dos cuidadores), para desenvolver um self único, com vitalidade e capacidade de viver a vida (autores como Fairbairn, Winnicott, Spitz, Mahler, Bowlby, Kohut inscrevem-se neste registo, que remonta a Ferenczi). Para esta geração de psicanalistas, o Amor é uma função importante dos cuidadores e desdobra-se em capacidades diferenciadas do cuidar, um cuidar assente na conexão emocional. O primeiro autor a referi-lo e a introduzir esse cuidar no léxico do analista foi Ferenczi, desde logo com a ideia da "Ternura", a linguagem infantil que os adultos devem [re]aprender a falar, para cuidarem das crianças. Winnicott, que. foi talvez o autor que mais se dedicou à diferenciação dessas funções amorosas da Mãe e que sintetizou no termo "Mãe suficientemente boa", incluindo "funções" tão sensíveis como o "holding" e o "handling" associados à experiência emocional primitiva, ou ainda a função de "sobrevivência" aos ataques destrutivos do self em desenvolvimento, para mencionar apenas algumas. Noutros autores, este Amor poderia ser representado pela ideia de "continente", "rêverie" ou "função alfa" em Bion, "espelhamento", "idealização" ou "empatia" em Kohut, ou a "base segura" de Bowlby, por exemplo.

O amor, nestes autores, está também associado a uma capacidade psíquica, a integração da experiência vivida, que aportaria ao sujeito/ao paciente uma capacidade de articular a experiência, nomeadamente, o ódio. Um ódio que, para a generalidade destes autores, já não resulta de uma expressão pulsional primária, é antes uma resposta à frustração derivada da "privação" - ou das frustrações e dificuldades vividas nas relações iniciais da vida.

[6] É curioso como hoje uma boa parte dos líderes autocráticos parecem desprezar a Cultura, revelando-se tantas vezes de uma ignorância cultural e histórica, desconcertantes. Uma ignorância grosseira ou voluntária, que despreza a Cultura enquanto criação humana e lugar de comunhão humana. Um fenómeno que parece dar razão a Freud.

Como se refere no texto de apresentação do Encontro "o amor exige a capacidade de sustentar a ambivalência, de tolerar a frustração sem recorrer à clivagem" e está associado, na intersubjectividade winnicottiana, à aquisição da diferenciação self/outro, e, portanto, à capacidade da alteridade. Nesta linha, Jessica Benjamin, uma autora relacional contemporânea, enfatiza que a capacidade da intersubjectividade, no seu grau mais sofisticado (isto é, na capacidade de reconhecer o outro como um centro de experiência equivalente, o outro como um ser ontologicamente equivalente a mim), é a base do vínculo amoroso (1990). Esta capacidade de reconhecimento do Outro, quando recíproca (que a autora designa como reconhecimento mútuo), é o que permite o vínculo amoroso e cooperativo. Sem esta capacidade, quando ela não é adquirida ou quando se perde, ficamos aquém da capacidade amorosa e os nossos vínculos estabelecem-se então, predominantemente, no registo do poder. "Eu tenho poder sobre ti", de que são expressão todas as formas de domínio e submissão, abusador e vítima – e será esse o modo predominante nas clivagens sociais actuais - e, creio, o modo predominante também, na nossa cultura quotidiana[7]. Talvez também por isso, sejamos tão permeáveis a certos discursos polarizados, são registos que nos são mais familiares do que o que gostamos de admitir. Estamos, portanto, nesta linha de Benjamin, perante duas possibilidades no vínculo com o Outro: a do Amor entre equivalentes, num registo de reconhecimento mútuo e troca, ou a do Poder entre desiguais, num registo auto-referenciado com dinâmicas de opressão/submissão.

Quer em Winnicott quer em Benjamim, a capacidade de Amor não é definitiva, está sempre sujeita a perder-se, sendo o maior desafio à sua sustentação a sua ausência no Outro, ou à presença do ódio, no outro e em mim (o Outro que não me ama ou me ataca "destrutivamente" – no sentido winnicotianno - o que desafia a minha própria capacidade de suportar essa realidade e de sustentar o amor, também sinto ódio e quero destruir quem me ameaça). Esta é a maior exigência para a clínica e também a das lógicas clivadas da sociedade contemporânea: sustentar a capacidade de amar (no limite, a capacidade de "não retaliar"), quando a linguagem predominante no Outro é a do poder ou da força – uma linguagem que, afinal, todos conhecemos, no passado da nossa experiência psíquica, mas também na sua actualidade, mesmo a de um psiquismo evoluído, pois no fundo desse psiquismo permanecem dinâmicas e funcionamentos primários (esta é uma segunda razão para lhes sermos tão permeável) – uma ideia bem explanada por Fairbairn, 1940. Uma linguagem que a todos tenta quando nos sentimos angustiados e, sobretudo, atacados.

Importa aqui reflectir mais um pouco sobre a capacidade de Amar. Quer no sentido Winnicottiano quer em Benjamim, o amor não é o oposto do ódio, amor é a capacidade de reconhecer o Outro, integrando, no vínculo, o Amor e o Ódio - neste sentido, o oposto do Amor é a ausência do Outro. A dissociação entre amor e ódio leva, ou à vivência do ódio sem amor (a submeter ou a destruir o outro) ou à vivência do amor sem ódio (a uma posição parcial e passiva, bondosa ou

[7] A clínica mostra-nos, diariamente, como estamos distantes ainda de uma cultura democrática e igualitária, nas famílias, nas relações amorosas, nas empresas, nas associações, nas escolas, e, claro, nas redes sociais.

sentimentalista, mas inconsequente). Winnicott mostrou-nos que não há amor sem ódio (por exemplo, 1947[8]), Benjamin recordou-nos que é fundamental aceitar uma tensão dinâmica entre estas duas motivações, e temos de recuperar essa tensão quando se desequilibram as forças do amor ou do ódio dentro de nós e nas relações (1990).

Neste sentido, o problema da alteridade tem duas camadas, que importa diferenciar. A primeira, mais essencial, tem a ver com o reconhecimento do Outro enquanto sujeito equivalente. Abre-se aí espaço para o reconhecimento das suas diferenças, diferenças que podem inclusive tornar-se interessantes e delas usufruirmos (podem chegar a cativar-nos, a inspirar-nos, a mobilizar o nosso desejo). Mas há uma camada mais profunda da alteridade, mais difícil: tem a ver com a relação com o que eu não gosto no outro, com o odioso no Outro, com o que me ataca, me ameaça, me angustia, me causa aversão. É aqui que a alteridade é abalada e pode soçobrar. E é aqui que o meu próprio ódio é inevitável e essencial, é aqui que é mais difícil e importante não dissociar. E, desejavelmente, poder sentir e reconhecer o próprio ódio e articulá-lo, sem ruptura psíquica e sem perda da capacidade de reconhecimento (por exemplo, não perdermos a capacidade de reconhecer as motivações ou as esperanças latentes mesmo em movimentos que sejam odiosos[9]). Ao ódio responde-se com amor, estou de acordo, mas um amor que precisa de ser feito de ódio também, todavia um ódio integrado e não destrutivo na acção. Sabemos isso na clínica psicanalítica, desde Winnicott.

Creio que Freud estava certo ao propor a Cultura, envolvida em Eros, como uma contraforça em relação à Guerra (1933). Mas creio que Freud estava errado ao atribuir à nossa natureza animal (pulsional) as motivações da agressividade ou do ódio (veja-se, por exemplo, a crítica de Fairbairn, 1944) e, consequentemente, descarto essa tese como base de compreensão das clivagens actuais.

Uma análise histórica da evolução e da destrutividade da nossa própria espécie parece apontar noutro sentido (Harari, 2011). A eliminação de outras espécies humanas pelo Homo Sapiens (houve um tempo, entre 100mil e 300mil anos atrás, em que várias espécies humanas coexistiram na terra; todas foram extintas excepto a nossa, e foram extintas provavelmente pela acção do homo sapiens) e a eliminação de outros animais (não restam dúvidas na ciência de que a expansão geográfica do homo sapiens coincide com a extinção significativa de espécies animais nessas áreas, sobretudo animais de grande porte), essa destrutividade (a que acresce uma infindável destruição sobre a própria espécie, até ao presente), parece não ter sido movida pelo ódio, mas por aquilo que podemos designar como “Possibilidade”. A revolução cognitiva (c. 70mil anos a.c.), e depois social, cultural, instrumental, científica e tecnológica, ofereceram-nos possibilidades novas de domínio sobre a natureza, que usámos porque ficaram disponíveis.

[8] Creio que o texto de Winnicott “O Ódio na Contratransferência” (1947) exprime bem que o Amor, nomeadamente o Amor de um psicanalista (ou de uma mãe, de um pai, de um parceiro amoroso) precisa de vivenciar e integrar o ódio, que emerge do que é ou do que se faz, para nós, odioso no outro.

[9] Uma outra questão tão frequente no debate público: O que motiva os eleitores do Chega?

Usámo-las, inclusive, para modificar radicalmente as nossas condições de vida na terra: usámo-las na revolução agrícola (c. 10mil anos a.c.), quando passámos ao sedentarismo, usámo-las na revolução industrial (séc. XVIII-XIX), transformando os meios de produção, a demografia humana e a organização social, usámo-las a ponto de podermos hoje providenciar recursos alimentares a todos os humanos (o que não se concretiza, não pela escassez, mas pela distribuição desigual - outra clivagem) ou usámo-las a ponto de podermos aniquilar a vida na Terra, temos hoje esse poder. Estamos, hoje, perante novas possibilidades derivadas do desenvolvimento tecnológico, como a inteligência artificial, sem sabermos bem para onde vamos. Não parece ser o ódio que nos move, pelo menos não como factor primário ou "pulsional" -as motivações podem ser múltiplas, da sobrevivência à segurança, do conforto ao poder, do narcisismo ao controlo: o que parece oferecer espaço para o movimento é a possibilidade em si, isto é, o ser humano avança aonde pode. Talvez algo inscrito em nós desde a origem da espécie, vamos na esperança de melhores condições, vamos. Muitas vezes, obtemos melhores condições, outras maiores problemas, mas continuamos a ir, desde sempre, talvez no sentido da nossa própria extinção, dados os potenciais destrutivos actuais, se não abrandarmos, consciencializarmos e modificarmos essa tendência. O ódio será não um factor primário mas um factor subsidiário, até instrumental, desse movimento, é um activo contra os obstáculos, contra o outro que se opõe à nossa vontade e movimento. Os movimentos discriminatórios, opressores e bélicos, criam e exploram possibilidades, detectam fraquezas e expandem-se nas brechas, na ausência de resposta, na ausência de limites, aumentando o seu poder, explorando as possibilidades, criando movimento. Temos todos que acordar deste pesadelo, deste nosso pesadelo, mas já uma realidade de tantos.

Os psicanalistas conhecem esta realidade na clínica, as áreas tirânicas expandem-se se não forem contidas.

Voltando ao curso da reflexão psicanalítica, vou evidenciar uma tradição psicanalítica que se aplica ainda à actualidade: desde sempre, a psicanálise concebeu a função analítica a partir das suas teorias do desenvolvimento e das suas concepções sobre a função parental (Figueirôa, 2019):

- Freud, com base no modelo pulsional, concebeu um analista que incorporava a dualidade do conflito intrapsíquico: o analista objecto das pulsões e da transferência (o analista neutral, a "tela em branco") e o analista representante da realidade e interditor (o analista "autoridade", o analista interpretativo, fundamentalmente "paterno").

- Os primeiros autores relacionais, como Ferenczi, e depois, por exemplo, Fairbairn e Winnicott, a partir da descoberta da importância real da mãe, conceberam um analista que incorporava a dualidade da relação real com a "mãe" (emergindo um analista fundamentalmente "materno"): o analista objecto das necessidades emocionais (também por via da transferência, em particular, da "regressão à dependência") e o que chamámos de

"analista função" (o analista que deve prover ao paciente as funções parentais em falta, para que este possa retomar o desenvolvimento psíquico suspenso no passado).

- Os autores relacionais contemporâneos, com base no modelo relacional e intersubjectivo, concebem então o analista-sujeito (Benjamin, 1990), não só *inevitavelmente* um sujeito, mas também, *desejavelmente*, um sujeito (Orange, Atwood e Stolorow, 1997). A desconstrução da "neutralidade" e a assunção da subjectividade do analista face à do paciente, portanto, num campo intersubjectivo caracterizado pela influência mútua entre duas pessoas, dá expressão a uma "psicologia de duas pessoas" (Aron, 1990). A questão nova aqui é a da "presença" da subjectividade do analista (a pessoa que é) na relação intersubjectiva com a pessoa-paciente, influenciando-se reciprocamente, numa "mutualidade assimétrica" (no feliz modelo de Aron, 1996).

Estas diferentes modalidades devem ser encaradas, hoje, a meu ver, como não exclusivas, isto é, são modalidades que se complementam na psicanálise contemporânea e que podem ser activadas em função das dinâmicas relacionais na sessão. Momentaneamente, o foco analítico pode ser alterado, qualquer modalidade pode ser provisoriamente "suspensa" (mas não anulada ou esquecida; por exemplo, qualquer uma das duas primeiras modalidades não pode, a partir do momento em que se reconheça a terceira modalidade - que se estabeleceu mais recentemente na história do pensamento psicanalítico – deixar de se inscrever num campo intersubjectivo), para uma delas ganhar dinâmica e prevalecer sobre as demais enquanto útil para o trabalho clínico[10].

É nesta linha de complementaridade que sugiro uma resposta à questão anterior, valorizando o conhecimento acumulado na história do pensamento psicanalítico, que referenciámos antes, nomeadamente, a psicanálise freudiana, a psicanálise relacional clássica[11] e a psicanálise relacional contemporânea.

Concluímos então que, para fazer face às clivagens contemporâneas, podemos conjugar:

- Uma atitude defensora e promotora de Conhecimento e Cultura, como diria Freud, que conheça o passado para compreender o presente e perspectivar o futuro, um futuro civilizado, onde possamos viver juntos na comunidade humana e neste mundo, procurando não repetir os erros dos nossos antepassados e usufruir do que toda a linhagem humana construiu. Nesta abordagem, todos os humanos importam, como co-criadores de Cultura, assumindo-se a conflitualidade (forças e contraforças e equilibrar) como factor potencial de desenvolvimento e progresso.

[10] Esta atitude de "suspensão" selectiva talvez tenha paralelo psicanalítico na atitude paradoxal preconizada por Bion quando propõe a suspensão da "memória, do desejo e da ânsia de compreensão".

[11] Designo "psicanálise relacional clássica" em referência aos autores que, antes da conceptualização da psicanálise relacional (1983), trabalhavam com modelos alternativos ao modelo freudiano, sob premissas fundamentalmente relacionais (em contraponto ao modelo pulsional).

- Uma atitude fundada em Amor e cuidados, como diriam tantos outros psicanalistas e humanistas, que prevaleça sobre a falta, sobre o sofrimento e sobre o ódio. Nesta abordagem, todos os humanos importam, como diria Winnicott, "todos somos responsáveis por todos as crianças", ou, actualizando-o: todos somos responsáveis por todos os humanos, incluindo os humanos do futuro.

- Uma atitude assente no envolvimento relacional e intersubjectivo, com presença própria na relação com o Outro e implicação na esfera social e cultural. Relações sempre complexas, sobretudo perante o diferente, sobretudo perante o opressor, que se fazem também de resistência, limites e determinação, na regulação das relações disfuncionais ou perante as clivagens. Nesta abordagem todos os humanos importam, porque somos todos humanos. Que no lugar da indiferença, do desmentido ou do silêncio complacente, se ergam vozes e acções que protejam quem mais sofre, nos contextos clínicos e também sociais, acrescentamos aqui, em homenagem aos homens e mulheres que resistem e não abdicam da dignidade humana, aonde ela esteja ameaçada.

Podemos:

Contrapor à mentira sustentando o conhecimento e a realidade histórica
Contrapor ao ódio construindo uma alternativa fraterna, sem retaliar
Contrapor ao abuso afirmando a regulação com limites claros e firmes

Importa colocar limites e resistir à expansão de movimentos actuais que têm um enorme efeito traumatizante, que se expandem porque têm essa possibilidade. Precisamos de contraforças que os limitem e recuperem a possibilidade reflexiva e a defesa do bem comum. Numa actualidade marcada pela desvalorização de valores comuns civilizados e de neutralização das instituições internacionais, criadas para a defesa do bem comum, que funcionavam como limite ou como um "terceiro", como dizemos em psicanálise, o mundo parece estar a voltar à lei do mais forte, e é preciso pôr limites ao mais forte. Regular esta relação desregulada.

Limites que também se colocam por contraste, criando e ampliando espaços psicológicos, sociais e culturais civilizados, mais integrados, fraternos e saudáveis, como o que nos propuseram aqui hoje.

Referências Bibliográficas

Aron, Lewis (1996). *A Meeting of Minds: Mutuality in Psychoanalysis*. London & NY: Routledge.

Aron, Lewis (1990). One Person and Two Person Psychologies and the Method of Psychoanalysis. *Psychoanalytic Psychology*, 7(4), 475.

Benjamin, Jessica (2018). *Beyond Doer and Done To: Recognition Theory, Intersubjectivity and the Third*. US & UK: Routledge.

Benjamin, Jessica (1990). Recognition and Destruction: An Outline of Intersubjectivity.Relational Psychoanalysis. *Relational Psychoanalysis: The Emergence of a Tradition* (ed. Mitchell, S. e Aron, L.). NY: Routledge, 1999.

Bion, Wilfred (1976). Primeira Conversa. *Quatro Conversas com W.R. Bion*. São Paulo: Blucher, 2020.

Bollas, Christopher (1992). The Fascist State of Mind. *Being a Character: Psychoanalysis and Self Experience,* 193-217. US & UK: Routledge.

Bromberg, Philip (2011). *The Shadow of Tsunami and the Growth of the Relational Mind*. US & UK: Routledge.

Fairbairn, Ronald (1944/1952). Estrutura Endopsíquica Considerada em Termos de Relações de Objecto. *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Lisboa: Vega, 2000.

Fairbairn, Ronald (1940/1952). Factores Esquizóides da Personalidade. *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Lisboa: Vega, 2000.

Ferenczi, Sandor (1933/1955). Confusion of Tongues Between Adults and The Child: The Language of Tenderness and of Passion. *Final Contributions to the Problems and Methods of Psycho-Analysis*. London & NY: Karnac, 2002.

Figueirôa, David (2019). Evolução das Representações do Feminino e do Materno em Psicanálise: Dois Paradigmas Clássicos e um Emergente. *Clínica e Investigación Relacional*, 13 (1): xcvii-cviii. [www.ceir.info]

Freud, Sigmund (1933a). Porquê a Guerra? *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud,* Vol.XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, Sigmund (1933b). Novas Conferências Introdutórias Sobre de Psicanálise – Conferência XXXI. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud,* Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, Sigmund (1930). O Mal-Estar na Civilização. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud,* Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, Sigmund (1923). O Ego e o Id. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud,* Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Greenberg, J., Mitchell, S. (1983). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi, 2003.

Harari, Yuval Noah (2011). *Sapiens: História Breve da Humanidade*. Lisboa: Elsinore, Penguin, 2013.

Meltzer, Donald (1968). La Tyrannie, in *Psychanalyse du Lyen Tyrannique* (Ciccone et al). Paris: Dunod, 2003.

Mitchell, Stephen (1993). Self in Psychoanalysis. *Hope and Dread in Psychoanalysis*, 93-172. US: Basic Books, HarperCollins.

Mitchell, Stephen (1991). Contemporary Perspectives on Self: Toward an Integration. *Psychoanalytic Dialogues*, 1, 121-147. US & UK: Routledge.

Orange, Donna; Atwood, George; Stolorow, Robert (1997). *Working Intersubjectively: Contextualism in Psychoanalytic Practice*. Hillsdale, NJ: Analytic Press.

Winnicott, Donald (1947/1958). O Ódio na Contratransferência. *Da Pediatria à Psicanálise*. Imago, 2000.